

A criatividade: um novo paradigma para a psicanálise freudiana¹

René Roussillon², Lyon

O autor estuda o conceito de criatividade de Winnicott, desenvolvido em O brincar e a realidade, colocando-o em diálogo especialmente com o sexual e com a sublimação presentes na metapsicologia de Freud. Ressalta que, apesar do desenvolvimento de uma metapsicologia e da habitual concepção de simplicidade não serem a priori a preocupação de Winnicott, algo que uma primeira leitura de seus trabalhos pode sugerir, há um rigor em Winnicott que se fundamenta na psicanálise dita tradicional, embora busque, a partir da experiência clínica, abarcar fenômenos psíquicos não descritos por ela. Tenta integrar a experiência da alucinação em Freud, vivida auto-eroticamente na e pela ausência do objeto, defendendo sua produção como fenômeno psíquico na presença do objeto como espelhamento, onde o perceptual encontra o alucinatório e confirma a concepção ilusória do criado-encontrado. Defende que, para um adequado desenvolvimento deste processo, o objeto deve “sacrificar” os próprios desejos e estados a partir de seu feminino puro e como um Meio Maleável (M. Milner), podendo, assim, auxiliar na adequada inscrição desses momentos informes vividos pelo infans, uma fecunda experiência de estar só na presença do objeto. A partir de tal processo, poder-se-ia entender o domínio/domesticação pulsional referido por Freud como um tomar para si. Em um momento seguinte, com a descoberta do objeto

¹ Publicação original: Roussillon, R. (2014). La créativité : un nouveau paradigme pour la psychanalyse freudienne. In *Exploration en psychanalyse, La créativité chez D.W. Winnicott*. Wordpress. Posteriormente publicado: (2018). Creativity: a new paradigm for Freudian psychoanalysis. In Gennaro Saragnano & Christian Seulin, *Playing and reality: revisited – A new look at Winnicott's classic work* (Chap. 6). London: International Psychoanalytical Association.

² Psicanalista, membro da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP).
<https://orcid.org/0000-0002-4032-0979>

René Roussillon

como outro-sujeito, será necessário que este se deixe usar, podendo ser “destruído” e sobreviver sem represálias, constituindo, então, um processo de destruído/perdido/encontrado. Assim, um movimento de jogo (play) entre infans e objeto deverá estar sempre presente, desde a fase vivida em processo ilusório, constituindo uma criatividade primária automática, até a fase conduzida por moções pulsionais subjetivadas no contato com o objeto outro-sujeito, constituindo uma criatividade voluntária.

Palavras-chaves: Winnicott; Freud; Metapsicologia; Criatividade; Relação de objeto

Introdução

Antes de adentrar na apresentação e fazer o meu comentário sobre a criatividade em *O brincar e a realidade*, de D. W. Winnicott, preciso dizer algumas palavras sobre o estado de espírito que inspira e conduz essa questão. Em primeiro lugar, no que diz respeito a todos os autores, mas a Winnicott em particular, eu gostaria de enfatizar que qualquer “leitura” é uma interpretação do texto, sendo relativa, portanto, aos parâmetros do próprio leitor e também à época em que ela ocorre. É do interesse coletivo que uma obra ofereça não apenas várias *entradas* para a leitura do livro, mas também diferentes pontos de vista, ou seja, diferentes *interpretações* dos textos que o compõem.

Gostaria de começar salientando que, mesmo que o livro de Winnicott tenha sido composto por textos escritos antes de 1970, ou seja, há 50 anos, e mesmo que o leitor quisesse resgatar o contexto metapsicológico da época em que tal livro foi escrito, ele não deixa de depender do estado das questões presentes no momento em que o texto é analisado e do seu impacto no pensamento contemporâneo.

Soma-se a essa primeira dificuldade, no meu entender, a exigência de que a análise proposta respeite o “espírito” do autor comentado, o que tem diversos significados. Primeiramente, não se pode efetuar uma análise da questão da criatividade fazendo aquilo que Winnicott consideraria uma forma de plágio ou paráfrase de sua obra, pois seria uma forma de traição. Winnicott nunca quis “fazer escola”, e penso que o essencial do que desejou transmitir foi a exigência de tentarmos nós mesmos ser criativos quando o lemos ou comentamos, isto é, de prolongarmos sua contribuição. Portanto, devemos pensar com Winnicott, mas também além dele, usando-o como trampolim para pensar agora a partir de sua obra e a partir daquilo que o move, o estado das questões que ele levanta.

Ao mesmo tempo, ele ressalta o quanto só podemos ser originais se nos inserirmos também na tradição. Em psicanálise, a tradição é primeiramente a clínica e a metapsicologia de Freud, e, nesse sentido, parece-me possível fazer uma *leitura* de Winnicott que tente situar o essencial de suas contribuições na metapsicologia freudiana. É claro que não se pode dizer que o pensamento de Winnicott se situa fora dessa metapsicologia – Winnicott conhece bem Freud e tem a preocupação de articular suas proposições em conjunto com aquelas do fundador da psicanálise –, mas, ao mesmo tempo, não é próprio do seu estilo estabelecer uma articulação metapsicológica rigorosa.

Existem diversas razões para tanto. A primeira está relacionada com a tradição inglesa de pensamento, à qual Winnicott pertence e que parece ter dado primazia ao pensamento clínico sem penetrar nos arcanos de uma metapsicologia freudiana frequentemente muito complexa em seus detalhes. Por exemplo, embora Winnicott desenvolva uma teoria do processo ou mesmo *dos* processos – uso das formas em *-ing* –, esta jamais é articulada de maneira específica à teoria dos processos de Freud, processo primário e processo secundário, ou ainda, mesmo que essa perspectiva não esteja totalmente ausente em seu pensamento, seus desenvolvimentos nunca alcançam o grau de sofisticação próprio da tradição francesa ou alemã, para citarmos apenas as tradições europeias.

No entanto, essa primeira razão não esgota os motivos da inegável reticência de Winnicott em relação a uma abordagem metapsicológica mais resoluta. Parece-me que é no próprio objeto de suas investigações que devemos buscar outra das fontes dessa reticência. Digo isso porque considero que ela contém a ameaça que pesa sobre qualquer tentativa de inserir sua contribuição na estrita tradição freudiana. Winnicott se empenhou – e empenhou a psicanálise – na investigação das experiências de ser, perspectiva que não está no cerne do pensamento freudiano, embora não lhe seja totalmente alheia: “eu sou o seio”, escreveu ele perto do término de sua vida, referindo-se à primeira identificação do bebê, e uma metapsicologia das *experiências de ser* corre incontestavelmente o risco de debilitar o essencial dos avanços e das proposições surgidas a partir da sua investigação.

Ressaltou-se muitas vezes o caráter inimitável do estilo de Winnicott, um estilo que se ajusta notavelmente ao seu objeto, contendo em si mesmo o essencial daquilo que ele traz para a clínica psicanalítica. Aliás, Winnicott cita uma célebre frase de Buffon: “o estilo é o próprio homem”. Eu me inclinaria a parafrasear Buffon para dizer que o estilo de Winnicott é a própria obra, pois, para mim, o modo como ele escreve “diz” tanto sobre o fundamento quanto sobre o próprio conteúdo daquilo que propõe e nos faz descobrir. Ora, o estilo de Winnicott resulta de um modo de escrita que traduz sua abordagem em pequenas pinceladas sucessivas,

René Roussillon

transmitindo uma *postura* clínica tanto quanto a descreve. Enganosamente simples – seria um erro se deixar enganar pela aparente simplicidade e clareza –, o modo de escrever pode ser uma das chaves de seu sucesso, mas também paga o preço da glória, sendo uma forma de escrita pouco condizente com o caráter áspero e, às vezes, até mesmo “penoso” da metapsicologia freudiana.

Freud também possuía um estilo – não podemos esquecer que ele recebeu o Prêmio Goethe por sua qualidade –, e sua arte consistiu em criar um modo de escrever elegante e compatível com o próprio rigor metapsicológico, mas o estilo de Winnicott não segue a mesma linha; é um estilo destinado a criar uma certa *atmosfera de ser* e a acolher geralmente as experiências mais profundas da vida psíquica, as quais podem se manifestar somente sob certas condições muito particulares.

O ponto de vista metapsicológico não oferece as mesmas condições de acolhimento. A questão do ser e os paradoxos próprios dos processos transicionais estão mais relacionados a formulações potencialmente paradoxais ou mesmo *escabrosas* do que a uma racionalidade límpida e explicativa. Precisa-se da segurança dada pela tolerância aos paradoxos, por uma suspensão radical dos juízos que pertencem ao conhecimento das realidades materiais manifestas, para que o pensamento ofereça os nichos em que podem se alojar o informe e o potencial daquilo *que ainda não adveio* e que busca o lugar onde possa se inscrever.

Porém, decorridos mais de 40 anos de certas proposições decisivas de Winnicott, as quais promovem, como tentarei mostrar em minha reflexão, uma nova inflexão paradigmática no pensamento clínico psicanalítico, talvez seja a hora de arriscar perder um pouco da substância e da poética de suas contribuições em prol de uma tentativa de articulá-las aos fundamentos da metapsicologia freudiana. A tentação é realmente muito grande entre alguns de seus detratores e defensores – aqui unidos na mesma posição – de considerar que Winnicott conduz a psicanálise para uma direção diferente daquela que Freud traçou e de não levar em conta o desenvolvimento ou mesmo a evolução epistemológica que ele traz ao pensamento psicanalítico contemporâneo. É somente com o esforço de mostrar como o pensamento de Winnicott prolonga o de Freud, mantendo ao mesmo tempo toda a sua fecundidade, que podemos esperar convencer da impossibilidade de desprezar ou separar o primeiro da tradição iniciada pelo segundo.

Agora posso expor o que me parece fundamental quanto à questão da criatividade no livro de Winnicott, levando-me a considerar que ele propõe uma evolução paradigmática para o pensamento psicanalítico.

A criatividade, a pulsão e o sexual

A primeira questão com a qual nos deparamos é a articulação da criatividade com o sexual e com a sublimação das pulsões no pensamento de Freud. Winnicott comenta várias vezes não considerar que o seu desenvolvimento a respeito da criatividade seja semelhante àquilo que Freud designa como processo de sublimação da pulsão. De fato, em Freud, a sublimação é um destino particular da vida pulsional, ao passo que, para Winnicott, a criatividade representa um aspecto fundamental da vida psíquica. Os dois processos não operam definitivamente no mesmo nível. Um parece “regional” e diz respeito somente a uma parte do funcionamento psíquico, enquanto o outro constitui os próprios alicerces da organização psíquica, comandando a relação do sujeito com o mundo tanto interno quanto externo.

Há uma dificuldade na articulação das proposições winnicottianas em relação à metapsicologia freudiana sobre a qual não podemos deixar de nos debruçar. Winnicott comenta em diversas ocasiões que, para ele, o processo envolvido no elã criativo não está relacionado a uma atividade das moções pulsionais e do sexual.

Para Freud, a pedra angular da psicanálise é o lugar que o sexual ocupa na vida psíquica inconsciente do homem; é um dos *shibboleth* que Freud define como identitário da teoria psicanalítica. No pensamento de Winnicott, o elemento que ocupa o mesmo lugar central é a criatividade, e a questão da articulação da criatividade com o sexual não pode deixar de ser levantada se quisermos inserir o pensamento de Winnicott na psicanálise “tradicional”. Ora, a posição de Winnicott a respeito desse tema está longe de ser tão simples quanto parece à primeira vista. Ele afirma com frequência que não existe nenhuma moção pulsional envolvida nas atividades transicionais, no brincar e no processo de criatividade. Porém, em outros momentos, para se referir a tais atividades, ele fala em processos alucinatorios ou mesmo em uma forma de *orgasmo do Eu*, expressão esta cuja conotação sexual não pode ser negada. Como compreender então a preocupação de Winnicott de separar da teoria da pulsão aquilo que ele tenta conceber? Proponho uma interpretação dessa reticência em função da “teoria da pulsão” a que ele se refere.

Winnicott escreve e evolui em um contexto epistemológico no qual a pulsão é assimilada apenas como uma excitação transbordante e disruptiva em maior ou menor medida, isto é, como pulsão não ligada, não integrada, uma pulsão que “ataca” o Eu por não encontrar ali um lugar e para encontrar ali um lugar. Por exemplo, quando Winnicott fala do brincar e da presença da pulsão no brincar, é como uma causa de perturbação deste que ele a entende, e não como seu motor. Nesta concepção, a pulsão não é vista como “introjetada” na atividade do

René Roussillon

sujeito, posta a seu serviço. Ela é considerada como “fora de campo” [*hors jeu*], e a questão daquilo que move o jogo e o “brincar” não é levada em conta como atividade resultante da necessidade de integração da pulsão. Em termos freudianos, poderíamos dizer que Freud concebe a pulsão somente do ponto de vista do Id, e não do ponto de vista de uma pulsão integrada no Eu. A questão da criatividade estaria subordinada à passagem da pulsão para o interior do Eu, à sua introjeção, ao fato de estar a serviço do Eu?

Ora, uma das questões a considerar na introdução do conceito do narcisismo na metapsicologia freudiana é justamente a das relações da pulsão com o Eu, a maneira pela qual a pulsão investe o Eu, quer ela o tome como objeto – trata-se então da questão clássica do narcisismo –, quer ela se integre ao Eu e se transforme nesta integração e através dela, ou ainda seja organizada por ela.

Em *O brincar e a realidade* (1971/1989a), Winnicott ora parece se referir a uma pulsão não integrada e, portanto, ameaçadora para o brincar e para as atividades criadoras, ora suas formulações supõem implicitamente um elã integrado no Eu-sujeito e posto a serviço deste. No entanto, ele não se pronuncia a respeito da natureza do elã que leva o sujeito a desenvolver sua atividade criadora. Como pensar esse elã independentemente da vida pulsional? Em que mais poderia se apoiar o processo criativo?

Winnicott está certo ao assinalar que a excitação pulsional desenfreada e transbordante ameaça a criatividade, o brincar e os processos transicionais, mas o fato é que o contexto epistemológico no qual ele se move não lhe permite pensar que a pulsão e o sexual não sejam apenas violentadores, mas também possam ser fonte de elãs criativos, desde que postos a serviço do Eu. A pulsão transbordante e disruptiva é a moção que não consegue ser ligada pela atividade do Eu, incapaz de ser integrada ou introjetada, e que, por essa razão, é considerada um corpo estranho a ser evacuado ou dominado.

Assim, há de se pensar que o elã necessário à atividade criativa deve ser buscado na integração da pulsão no Eu, em sua introjeção. Veremos mais adiante outro argumento essencial para pensar o processo que orienta o encontrado/criado, processo-chave da transicionalidade: a alucinação.

Nosso primeiro movimento de reflexão levou-nos à questão da integração pulsional, que, por sua vez, conduz quase automaticamente à indagação sobre as condições dessa integração, suscitando outra grande questão sobre a articulação do pensamento de Winnicott à metapsicologia freudiana: o lugar do objeto.

A criatividade e o objeto

Um dos esforços essenciais de Freud foi tentar livrar a psicanálise e a teoria psicanalítica da ameaça que a acusação de *sugestão* poderia fazer pairar sobre o seu valor epistemológico e terapêutico. Essa ameaça esteve presente desde o início, e a psicanálise foi criada ao se diferenciar das terapias por sugestão, mas, ainda em 1937, em *Construções em análise* (1937/1964), ela permanecia presente na acusação de que a psicanálise constituía-se em uma forma da alternativa “cara, eu ganho, coroa, você perde”. Da mesma forma, Freud empenhou a psicanálise, em um primeiro momento, na teorização do indivíduo *isolado*, considerado unicamente em seu funcionamento intrapsíquico, sem qualquer influência ou sugestão, e o sonho, mais do que o brincar ou as atividades artísticas, parecia ser o modelo a partir do qual fundamentar a metapsicologia.

O sonho é *narcísico* e parece fugir das influências externas. Foi só bem mais tardiamente em sua obra, na esteira de *Introdução ao narcisismo* (1914/1957a), que Freud reconheceu que a psicologia humana é também uma *psicologia social* (Freud, 1921/1957b). Ele se sente então suficientemente seguro quanto à consistência do método psicanalítico para poder enfrentar sem temor a questão da influência de um sujeito sobre outro. Contudo, o fato de que o objeto da pulsão também é um sujeito com seus próprios desejos e movimentos, uma questão que, sem dúvida, nunca foi desprezada na clínica concreta (cf. a questão da sedução e, de modo mais geral, aquela do traumatismo e da decepção narcísica), nunca veio a se tornar um tema central na teorização freudiana. Para que seu lugar fosse plenamente reconhecido na metapsicologia, essa questão teria de se articular com outro ponto essencial da metapsicologia: a alucinação. Foi somente em 1937, portanto, perto do fim de sua vida, que Freud começou a vislumbrar que a alucinação não excluía a percepção e, até mesmo, que a alucinação e a percepção podiam andar juntas e se combinarem, como no delírio.

No pensamento de Winnicott, a questão do lugar da realidade externa e a articulação deste com a realidade psíquica está presente desde o início – seu primeiro artigo destacado trata da defesa maníaca e da recusa da realidade tanto interna como externa. No entanto, tão logo levantado, o problema se torna mais complexo devido ao reconhecimento de um estado intermediário que mescla realidade psíquica e realidade externa, ou seja, alucinação e percepção. Neste sentido, o pensamento de Winnicott segue exatamente a mesma linha da intuição tardia de Freud quanto às formações que sobrepõem percepção e alucinação. O processo central – ponto de extrema importância que trataremos mais adiante –, definido por Winnicott em termos de encontrado-criado, supõe, de fato, que

René Roussillon

o seio “criado” (e como seria se não fosse em um processo alucinatório?) é simultaneamente colocado pela mãe ali onde a criança o cria. O bebê, o *infans*, pode assim encontrar fora, na percepção, um objeto suficientemente semelhante ao que ele é capaz de criar de maneira alucinatória.

A questão-chave, sem a qual a obra de Winnicott é inconcebível, diz respeito às condições necessárias para que o ajuste daquilo que a criança cria ao que ela encontra na relação com a mãe seja bom o suficiente para fazer com que o bebê tenha a ilusão de criar o que encontra. É também a condição necessária para que a criança possa integrar – em sua *onipotência primordial*, diria Winnicott – o que ela encontra. A formação intermediária, que mescla objeto-criado e objeto-encontrado, cria uma terceira categoria psíquica e lança então uma ponte e uma continuidade entre realidade interna e realidade externa, evitando o que Winnicott considera como o perigo principal do desenvolvimento: a dissociação.

O processo do encontrado-criado precisa operar nos dois sentidos: a criança deve encontrar o que é capaz de criar e deve ser capaz de criar o que encontra, mas isso supõe um ambiente organizado, que não a exponha ao fracasso de não conseguir integrar o que encontra. Eis a própria definição do traumatismo do fracasso da criatividade: ser confrontado com uma situação que o indivíduo não consegue integrar, uma situação *em si mesmo* a partir da qual ele não consegue fazer algo *para si mesmo*. O fracasso do processo terá como consequência um aumento da destrutividade, cuja intensidade se manifesta como reacional ao caráter traumático do fracasso. Winnicott suscitou uma discussão a esse respeito com o conceito de *inveja primária* proposto por Melanie Klein (1957/1975). Diferentemente desta, para Winnicott, a inveja e os ataques invejosos são reacionais aos traumatismos precoces e estão relacionados de forma direta com o fracasso dos processos de integração dos quais são testemunhos, ou seja, relacionam-se com um ambiente de maternagem inadequado.

No pensamento de Winnicott, a instauração do processo em criado-encontrado torna-se possível, em primeiro lugar, graças à adaptação perfeita da mãe. Esta adaptação perfeita, por sua vez, resulta de uma forma fundamental de empatia materna: *a preocupação materna primária* (1956/1984). Progressivamente, uma discrepância entre o criado e o encontrado passa a ser tolerável na medida em que a criança torna-se capaz de realizar o trabalho necessário para reduzir essa discrepância e, apesar disso, manter a ilusão criativa. Assim, ela será capaz de criar o que encontra, desde que aquilo que encontrar seja suficientemente adaptado. O encontrado/criado mantém-se, ao longo do processo de desenvolvimento, inicialmente graças à adaptação da mãe e, depois, em decorrência do trabalho psíquico do próprio sujeito quando este passa a ser capaz de realizá-lo.

Antes de lançar-me em uma tentativa de pensar passo a passo o processo subjacente à atividade criativa, gostaria de tecer dois comentários quanto à posição que adotarei.

Dois comentários complementares: a alucinação e o meio maleável

Meu primeiro comentário diz respeito à alucinação em sua relação com o sexual e com a criatividade. Levantei anteriormente a questão da natureza do processo pelo qual o *seio* é criado, e voltaremos mais adiante a tratar da complexidade que isto implica na teorização, mas eu gostaria de assinalar desde já que, no pensamento psicanalítico “tradicional”, tal processo só é inteligível se for relacionado à alucinação. É justamente por essa razão que a articulação da criatividade com o sexual, pela qual iniciei minha reflexão, é tão essencial. A realização alucinatória do desejo, que acredito intervir no *criado* descrito por Winnicott, é um processo típico da pulsão e da vida pulsional: sexual e criatividade estão originariamente lado a lado. O sexual encontra-se no fundamento da criatividade, e a criatividade expressa a ação do sexual quando este encontra material para se realizar a serviço do Eu.

O problema teórico vem do fato de que, em um primeiro momento, o processo alucinatório foi descrito por Freud – em relação com o modelo do sonho – como estando ligado a um narcisismo e a um autoerotismo *sem objeto*, constituindo-se em um processo estabelecido quando o objeto se ausenta, para tentar remediar sua ausência. Ora, como se deduz dos últimos postulados freudianos e que parece largamente confirmado pelo avanço atual das neurociências, o processo alucinatório é desencadeado em todos os casos de aumento da tensão pulsional, sendo provavelmente “automático” e ligado ao próprio funcionamento do núcleo da psique humana, aos seus elãs.

No momento em que o processo encontra, por alucinação, o objeto por ele criado, gera uma ilusão de autossatisfação que é essencial para a construção do narcisismo. Quando o objeto criado não é encontrado, o processo dá origem ao autoerotismo, desde que tenham ocorrido experiências anteriores de ilusão criativa e que estas tenham deixado traços suficientes para serem conservadas “em memória” e ativadas de maneira suficientemente “realista” para produzirem uma forma de ilusão consoladora. Porém, como Freud não se cansa de repetir, o autoerotismo será sempre insatisfatório, sendo apenas uma consolação.

A concepção de uma alucinação provocada pela ausência do objeto ainda está presente em muitos trabalhos psicanalíticos atuais, segundo os quais o

René Roussillon

trabalho psíquico funda-se na ausência ou na representação do objeto ausente. Tal concepção repousa na oposição entre perceber e alucinar, a qual supõe que o processo perceptivo seja relativamente passivo, e não altamente organizado, como não cansam de demonstrar todos os trabalhos atuais no campo das neurociências. Supõe que a realidade é “dada”, ao invés de ser construída como categoria psíquica, progressivamente enriquecida pela experiência. Confunde o momento em que o processo de simbolização se manifesta com o instante em que ele é criado, confundindo o segundo tempo do processo com a sua íntegra.

A alucinação é a representação perceptiva do objeto esperado, desejado, ensejado; deve ter a capacidade de se alojar na percepção atual para *realizar-se*, cumprir-se e, assim, encontrar uma percepção suficientemente organizável no presente do sujeito para que possa ali ter um lugar. O *súmbolon* (do grego) é a *junção* primordial, o primeiro encontro de um processo interno com uma “localidade” externa. Se o encontro não ocorrer, gera-se um estado de decepção narcísica e um sentimento de desamparo que, se for prolongado, provoca inicialmente angústias agônicas e destrutividade reacional, as quais Winnicott concebe como o pivô dos processos patológicos. É somente mais tarde, uma vez acumuladas as experiências de realização, que se tornará possível o autoerotismo³.

Meu segundo comentário se refere à questão do papel e do lugar do objeto na instauração e na manutenção do processo em encontrado/criado.

Em muitos de seus escritos anteriores, Winnicott havia se concentrado nos cuidados maternos – nomeadamente o *holding*, o *handling* e o *object presenting* – e no modo como esses diferentes componentes dos cuidados maternos contribuam para o bom desenvolvimento psíquico do bebê e da criança pequena. A partir de que disse Winnicott, podíamos perceber que ele já tentava entender, além dos cuidados corporais propriamente ditos, o investimento e a sintonia da mãe com as necessidades do Eu da criança. Sabemos que é em idade precoce da vida, através do corpo e da sensorialidade, ou mesmo da sensório-motricidade, que se estabelece a comunicação primitiva, e podemos atribuir a Winnicott a atenção dada a essa dimensão em seus diversos estudos sobre as condições primordiais da relação. No entanto, é ao propor que o rosto da mãe desempenha um papel de espelho que Winnicott dá um passo decisivo na teorização do sentido geral da comunicação primitiva.

Winnicott aventa a hipótese de que a função do rosto materno e daquilo que ele expressa em relação à criança é refletir, diante desta, os seus próprios estados internos ou, pelo menos, mensagens sobre eles. Na leitura do capítulo de Winnicott

³ Não me refiro aqui às formas da autossensibilidade, as quais, ao contrário, podem se instalar de imediato para remediar as primeiras ausências do objeto ou da satisfação.

sobre a função do rosto materno, percebe-se com clareza que, se o rosto é certamente uma peça central do papel de *espelho* atribuído à mãe, é também todo o modo de presença desta que serve de espelho. É uma variante do processo em encontrado/criado, pois a criança deve *se* ver no rosto e no modo de presença corporal da mãe, mas essa variante fornece uma chave para explicar o processo em si.

A clássica insistência nos processos projetivos demonstrava que a criança encontrava aquilo que criava projetivamente. Winnicott assinala a importância complementar dos processos de “retorno”, através dos quais a criança internaliza o reflexo de si mesma, percebido na resposta dos primeiros objetos aos seus próprios movimentos e estados. Winnicott dá uma contribuição fundamental à teoria do narcisismo ao descrever o seu vetor intersubjetivo essencial. A criança se vê como é vista e “cria” a si mesma como é vista, sentida, refletida pelo ambiente maternante, identificando-se com aquilo que é refletido dela mesma. Parece-me necessário estabelecer aqui uma relação com o que M. Milner (1987) descreveu a respeito do *Meio Maleável*. Aliás, é mesmo bastante difícil saber exatamente o que um deve ao outro, pois ambos se aproximam muito na concepção do papel primário do ambiente maternante.

Milner destaca o papel essencial não só da ilusão (segundo o título epônimo de seu artigo mais conhecido) para a emergência do processo de simbolização, mas também do encontro com um objeto suficientemente *meio maleável* para a sua organização, isto é, um objeto capaz de se deixar transformar conforme as necessidades do processo criativo da criança. É justamente graças a essa plasticidade suficiente que o ambiente maternante pode cumprir seu papel de *espelho*, pois, ao se tornar maleável aos estados e movimentos internos do bebê, ele pode ajustar o reflexo que confirma sua função narcísica.

Podemos agora apresentar uma descrição metapsicológica do processo da criatividade, isto é, traçar etapa por etapa os diferentes momentos e problemas que intervêm em sua instauração e em seu desenvolvimento.

Análise metapsicológica do processo da atividade criativa

Winnicott concebe o início desse processo com a hipótese da “primeira mamada teórica” e dos primeiros traços de satisfação. À luz do que sabemos agora sobre as habilidades inatas do bebê, podemos pensar que ele nasce com certa pré-concepção – de acordo com o termo proposto por Bion – dos objetos e encontros necessários para o seu desenvolvimento, dispondo, portanto, de uma forma de expectativa imediatamente presente em relação ao ambiente primário. Contudo,

René Roussillon

essa pré-concepção, para usar um termo caro a Winnicott, é apenas *potencial*, e sua ativação alucinatória – a maneira de o bebê começar a “apresentar” para si mesmo o que ele espera – deve encontrar um objeto suficientemente próximo do esperado para que o processo primordial em encontrado/criado possa ocorrer. De maneira inversa, se a experiência for satisfatória o suficiente, o potencial assumirá uma primeira forma, dependendo do que foi encontrado. Precisamos supor, neste caso, que a pré-concepção possui certa plasticidade e que pode se ajustar àquilo oferecido pela mãe, se isso corresponder suficientemente à necessidade da criança, ou seja, se a mãe for *suficientemente boa*. Também podemos pensar que, ao mesmo tempo em que a adaptação do ambiente materno deve ser muito importante no início, à medida que as experiências se renovam e o bebê se desenvolve, ele se torna capaz de tolerar uma adaptação menos boa e de trabalhar para tornar possível a sobreposição de uma resposta boa o suficiente para a sua expectativa. Assim, o processo apresenta um certo *jogo*, mesmo que limitado, uma certa *exigência de trabalho psíquico* da parte dos dois protagonistas.

Uma das peculiaridades desse primeiro modo de relação é o fato de ser “implacável”, de acordo com a expressão de Winnicott, ou seja, seu bom desenrolar pressupõe que o bebê não leve em conta as particularidades do estado da mãe. Existem várias maneiras de entender essa singularidade da relação inicial. Uma hipótese é considerar que o bebê se encontra em um estado *anobjetal*, isto é, ele não reconhece a presença de um objeto externo, sendo então implacável por ignorar o objeto. Não tenho certeza de que essa seja a interpretação correta da posição de Winnicott; ela não casa bem com o termo implacável. Eu preferiria considerar que o bebê precisa encontrar um ambiente *meio maleável* que se adapte às suas necessidades, que ele nasce com a pré-concepção de um objeto capaz de eliminar (de “sacrificar”) seus próprios desejos e estados e que, de certa maneira, essa é uma particularidade do “seio” primordial, uma particularidade da criatividade reverberada por esse seio. Trata-se mais do encontro com um objeto que “deseja” ser usado de maneira implacável, que “deseja” ajustar-se às necessidades do bebê. Isso está relacionado com aquilo que Winnicott chama de “feminino puro”, e que talvez possamos pensar como uma propriedade comum do feminino e do “materno”.

Mencionamos acima o *Meio Maleável* de Milner (1987), a concepção de um objeto capaz de assumir todas as formas porque não possui nenhuma. Tenho a sensação de que a *lógica* do pensamento de Winnicott encontra seu complemento indispensável na ideia de que o seio primordial deve ser um *meio maleável*.

Por outro lado, a identificação primária, aquela que funda o sentimento de ser e que Freud identifica em torno da forma *eu sou o seio*, cria no bebê um espaço de criatividade baseado na introjeção dessa propriedade do primeiro encontro

com o objeto, com o *feminino puro* do objeto, seu feminino puro ou seu *materno puro*. A criatividade potencial primária, o feminino e a plasticidade maleável das respostas se conjugam e se articulam, então, na experiência e no sentimento de ser.

O informe e a criatividade

Acabo de propor o estabelecimento de uma ponte entre várias proposições de Winnicott, a qual me parece ser autorizada por sua concepção da importância da experiência de momentos “informes” (*formlessness*) na primeira relação com o ambiente maternante. A experiência do seio encontrado/criado não constitui, na verdade, a íntegra do surgimento da criatividade; ela é seu ponto de partida quase biologicamente programado, se aceitarmos a minha hipótese de uma pré-concepção inata do seio ajustado/ajustando-se às expectativas do bebê. A verdadeira criatividade pressupõe que essa primeira experiência seja reapropriada pelo sujeito, o qual fará dela não mais uma experiência quase automática, mas uma experiência sob seu controle, uma experiência apropriada.

Em 1920, Freud enfatizou que a urgência imediata da psique é obter controle sobre o que experimenta; ela precisa “domesticar” sua experiência, para empregar uma metáfora que Freud usa com muita frequência. Ele também enfatiza que o sujeito deve *apresentar* para si mesmo a experiência assim *domesticada* para poder então realmente se apropriar dela. Na França, Green (2003) ressaltou que *o tempo em que isso ocorre não é o tempo em que isso se significa*.

Winnicott oferece um complemento e uma contribuição essencial para a metapsicologia do processo de retomada integrativa da experiência subjetiva, destacando a necessidade do *infans* de experimentar estados informes. Estes representam os momentos em que o bebê, sem pressão interna (ele não está com fome, não está cansado, não está sob a ameaça de uma necessidade interna, nem sob a pressão de uma exigência proveniente do ambiente), pode se deixar ser e permitir que retornem os traços das experiências anteriores importantes a serem integrados. Os estados informes em questão não são estados de perda da forma, estados desorganizados, caóticos; são antes estados de receptividade ao que se apresenta, ao que retorna nesse estado de relaxamento interno. Eles supõem um ambiente maternante *continente e portador*.

Se o primeiro tempo observado por Freud é de “domesticação” da experiência e das moções pulsionais que a investiram, esse tempo de *ter domínio* sobre a experiência é apenas o pré-requisito do processo de apropriação, apenas a sua condição. No entanto, o sujeito ainda precisa, ao afrouxar seu controle sobre a

René Roussillon

experiência vivida, *apresentar* novamente para si mesmo aquilo com que foi antes confrontado, com o intuito de *tomá-lo para si* e assim se apropriar mais plenamente. Este segundo tempo é o do retorno da experiência e do surgimento da simbolização através dos processos de retorno reflexivo. Mas, esse tempo só é possível se o bebê dispuser de um espaço de acolhida, de um espaço de receptividade para a experiência anterior, para todas as experiências anteriores, ou seja, um espaço que tenha pouca forma para poder acolher potencialmente todas elas.

Podemos, então, relacionar isto com o que afirmamos anteriormente acerca do núcleo de feminilidade pura. Esse espaço *informe* resulta da percepção das capacidades de adaptação plástica do ambiente maternante, do encontro da necessidade do bebê de dispor de um ambiente “sob medida”, adaptável às suas necessidades e movimentos, com um ambiente suficientemente *plástico* e *maleável*. É por essa razão que, ao mesmo tempo em que a adaptação do ambiente maternante deve ser quase perfeita no início, é essencial que o bebê também experimente um ambiente que não seja imediatamente *perfeito*, mas que mostre uma “tensão”, um esforço, no sentido da adaptação e do ajuste. A experiência do esforço de adaptação do ambiente maternante é tão importante, se não mais, que o próprio resultado. Em todo o caso, mais do que uma adaptação imediata, *magicamente sintonizada* com o bebê, esse esforço é importante para forjar a experiência de que uma transformação é possível, de que é possível criar progressivamente um ambiente adaptado. Portanto, ele é decisivo nos fundamentos da esperança. Winnicott apontou diversas vezes que um ambiente “mágico” deixa de ter um grande valor após certo grau de desenvolvimento. Não há antinomia entre o que ele propõe e a noção tão importante, em Freud, de *trabalho psíquico*, pois, para Winnicott, simplesmente o trabalho psíquico é um *trabalho de jogo*.

No entanto, este trabalho requer novamente um ambiente ajustado/ajustando-se, requer novamente uma empatia materna com a evolução da necessidade psíquica do *infans*.

A capacidade de estar só na presença do objeto

É mais uma contribuição essencial de Winnicott a introdução, entre presença e ausência, de um tempo intermediário fundamental para o desenvolvimento da criatividade.

Ressaltamos acima que a experiência do informe não é uma experiência de desorganização, nem uma experiência caótica. O informe só pode ser experimentado primitivamente de maneira fecunda *na presença do objeto*, isto é, com a segurança

oferecida pela presença do ambiente maternante. Note-se que, no famoso *jogo do carretel* descrito por Freud em 1920, o avô está presente e atento enquanto seu neto brinca de arremessar/trazer de volta, mas não intervém de forma ativa no jogo. O jogo é “endereçado” ao avô, mas se desenrola *sozinho na presença dele*. Trata-se também de uma situação com a qual os psicanalistas estão familiarizados, pois é comum, durante uma sessão, que o jogo associativo se desenrole *na presença do analista*, e essa presença é indispensável para que o jogo ocorra, sem, contudo, a intervenção do analista.

Quando brinca *sozinha na presença do objeto*, a criança brinca para reproduzir alguns detalhes ou peculiaridades de sua experiência no encontro com o objeto; ela faz o jogo do *objeto na presença dela*, criando assim, em si mesma, o objeto “mãe”. Encena uma representação interna do objeto e torna-se o próprio objeto no brincar, mas precisa se voltar, de vez em quando, para o objeto real presente, como se precisasse verificar o efeito produzido nele pela encenação de sua representação interna do objeto e pelo processo de apropriação que isso implica. Assim, verifica se o objeto “sobrevive” à apropriação presente no processo lúdico, podendo então *descolar* potencialmente a representação interna do objeto da percepção dele, desde que o objeto presente permita. Voltaremos mais adiante à questão da sobrevivência do objeto nos processos psíquicos da criança. Esta é a questão-chave do que Winnicott denomina, em *O brincar e a realidade*, de “o uso do objeto”, mas precisamos tecer aqui alguns comentários sobre o que significa “sobreviver” no contexto do estar só na presença do objeto.

Em primeiro lugar, segue-se do parágrafo anterior que o objeto deve permitir que a experiência ocorra, ou seja, deve permitir que o *infans* disponha de tempos *informes*, sem intervir nem desinvestir estes tempos. O objeto deve permitir que o jogo se desenrole em sua presença, também sem intervir ou desinvesti-lo: o objeto, a mãe, lê uma revista ou “tricota”, de acordo com um famoso exemplo de Winnicott. Esse objeto dedica-se a uma atividade relacionada ao próprio “feminino”, mas sem paixão, sem descuidar totalmente da atenção dada à criança e sem também ser absorvido por ela.

Sobrevivência do objeto e dialética criatividade/destrutividade

Acabo de falar da *sobrevivência* do objeto. Ela comanda a vasta questão da articulação entre criatividade e destrutividade no pensamento de Winnicott, e qualquer teoria da criatividade deve ser articulada com uma concepção do lugar da destrutividade. Para Winnicott, esta última questão está no cerne do processo

René Roussillon

de desilusionamento⁴, que, por sua vez, está no cerne do reconhecimento da dependência e do amor.

A partir do momento em que o objeto é criado/ encontrado, o *infans* vive uma experiência de ilusão primária que se inscreve no núcleo do narcisismo originário; ele tem a ilusão de que o objeto “encontrado” no exterior é fruto de sua criação interna. Esta ilusão de criação é fecunda na medida em que contribui para a construção de um núcleo de autoconfiança que se sobrepõe à confiança na vida e no mundo, mas repousa em uma ilusão que deve ser progressivamente superada, sem contudo destruir a capacidade de ilusão. No pensamento de Winnicott, esse processo passa por uma experiência peculiar a qual proponho chamar, por analogia à experiência do criado/encontrado, de experiência do destruído/encontrado ou, ainda, do *destruído/perdido/encontrado*.

Como dissemos, a perfeita adaptação do ambiente maternante no início da vida não é duradoura e, embora a adaptação deva se manter *suficientemente boa*, ela deverá aos poucos ceder lugar para um ajuste mais aproximado que terá forçosa e inevitavelmente falhas.

Quando ocorrem essas falhas, o *infans* vive uma experiência de fracasso que prejudica sua capacidade de ilusão criativa e tem a impressão de tê-la destruído, fazendo-o vivenciar uma mistura de desespero com fúria impotente, uma experiência de destrutividade. O que virá dessa experiência depende da “resposta” do ambiente maternante à fúria destrutiva expressada pelo bebê. É nesse momento que o conceito de *sobrevivência do objeto*, proposto por Winnicott no capítulo sobre *o uso do objeto*, adquire todo o sentido. O objeto precisa “sobreviver” à expressão da destrutividade, isto é, como explica Winnicott, ele não deve exercer “represálias”, nem sob a forma de retaliação ativa, nem sob a forma de recuo afetivo. Eu acrescentaria uma característica que me parece implícita no pensamento de Winnicott, embora ele mencione apenas propriedades negativas: o objeto deve mostrar-se vivo, ou seja, criativo. Sobreviver não significa não ser atingido ou afetado pela agonia ou pela fúria impotente que o bebê comunica; sobreviver significa manter ou restabelecer o vínculo que existia anteriormente.

Se o objeto “sobreviver”, a criança experimenta que não foi destruído aquilo que ela acreditava tê-lo sido, descobrindo assim que o objeto escapa de sua onipotência, resiste a ela, e que ele constitui um outro-sujeito cujo modo de presença, cujos desejos e movimentos internos não dependem da criança, mesmo que estejam relacionados com ela. Se o objeto se comportou como um *espelho* dos estados internos do bebê, ele também pode escapar dessa relação *em duplo*.

Cabe tecer aqui um comentário sobre a *descoberta do objeto*. Todos os

⁴ N.T.: Traduzido conforme as traduções consagradas em português dos textos de Winnicott.

trabalhos atuais sobre a primeira infância concordam em considerar que o bebê percebe muito cedo a existência separada de sua mãe e das pessoas de seu primeiro ambiente ou, melhor dizendo, não há um *estágio pré-objetal*, como se considerou em determinada época. O problema não é uma questão de *percepção*, mas uma questão de *concepção*; uma coisa é perceber o objeto como separado, outra coisa é concebê-lo como um *outro-sujeito*, isto é, possuindo desejos e movimentos próprios. A questão da experiência de sobrevivência do objeto não é, e não pode ser – porque isso não faria sentido –, uma questão de percepção do objeto, mas, sim, uma questão de concepção. A experiência nos permite descobrir que o objeto é externo, mas externo ao sujeito, aspecto este que pode ser destacado no que proponho chamar de outro-sujeito. Em outras palavras, considerando que, sem dúvida, ambos andam juntos e se produzem no mesmo movimento, conceber o objeto como outro-sujeito é também conceber a questão do sujeito e, portanto, conceber a si mesmo como sujeito. Sujeito e outro-sujeito fundem-se no mesmo movimento; o que resulta então da experiência é a categoria *sujeito de*, que os neurocientistas chamam de “agente”.

Winnicott aponta uma questão fundamental ao assinalar que, depois de passar pela experiência do *objeto que sobrevive* à fúria destrutiva, a criança torna-se capaz de realizar uma série de novas operações subjetivas. Ela consegue estabelecer uma diferença, observa Winnicott, entre destruir o objeto na fantasia e a destruição real, percebendo, assim, que pode ser sujeito de um movimento interno diferenciado de seu efeito externo. São categorias conceituais que podem começar a ser construídas e dar sentido às percepções, à sensorialidade e até mesmo à pulsionalidade.

Outra consequência importante observada por Winnicott é o surgimento do amor propriamente dito. A sequência que ele descreve merece ser citada na íntegra:

Objeto, eu te destruí. Eu te amo. Tua sobrevivência à destruição que te fiz sofrer confere valor à tua existência, para mim. Enquanto estou te amando, estou permanentemente te destruindo na fantasia (inconsciente). É apenas neste momento que começa a fantasia para o indivíduo⁵. (Winnicott, 1968/1989b, p. 174)

Como podemos constatar, toda a organização tópica do sujeito depende da travessia suficientemente boa da experiência do destruído/perdido/(re)encontrado.

Essa experiência também modificará significativamente, e em vários

⁵ N.T.: Tradução de José Octávio de Aguiar & Vanede Nobre. Winnicott, D.W. (1989). O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações. In *O brincar e a realidade* (pp. 121-131). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1968)

René Roussillon

aspectos, a questão da criatividade. Em primeiro lugar, a criatividade primária é “automática”, no sentido de que não é carregada por nenhum sujeito reconhecido como tal; ela é vivenciada, mas baseada na ilusão. A partir do momento em que o sujeito e o outro-sujeito despontam, a criatividade torna-se “voluntária”, podendo ser conduzida por moções pulsionais *subjetivadas*, e a introjeção do processo criativo poderá se desenvolver.

Criatividade e criação

Criatividade não é criação. A criatividade é uma potencialidade, ao passo que a criação é uma realização. A criatividade supõe uma aptidão para a criação e que essa aptidão seja apoiada por um ambiente facilitador, enquanto a criação supõe um processo que, por sua vez, supõe um Eu organizado e capaz de se organizar na mobilização das moções pulsionais necessárias à empreitada.

No entanto, não devemos pensar que a criação está totalmente livre do ambiente, o qual é e continuará sendo indispensável para o sujeito durante toda uma parte do desenvolvimento da introjeção e da organização pulsional. Mas, entre criatividade e criação, Winnicott introduz formas intermediárias, as quais devem ser mencionadas antes de concluirmos. De fato, existem dois terrenos em que a criatividade leva a uma forma de criação: o sonho e o brincar.

Na medida em que o sonho dá forma “materializada” aos processos psíquicos pelo processo alucinatório, a criatividade, como processo de apropriação subjetiva que carrega de maneira potencial, encontra uma forma de atualização em seu exercício. Há um “trabalho do sonho”, como Freud sempre enfatizou, que consiste em um *trabalho* de criação, o qual supõe o desencadeamento de um conjunto de processos da ordem da simbolização primária. O sonho transpõe o material bruto – que Freud chama de “matéria-prima psíquica” – para o cenário, para o valor *poético* e *retórico* do sonho (entendido em sentido amplo), passando a fazer parte de uma construção relativamente organizada que pode ser narrada ao outro-sujeito e então produzir efeitos nele. O sonho age não só sobre o sonhador, mas também sobre aquele a quem é dirigido, razão pela qual Winnicott o situa no campo da realidade.

Contudo, o jogo também dá uma forma de realização à criatividade potencial, na medida em que é jogado, encenado, “materializado” nos *objeux* [*objets*=objetos + *jeux*= jogos] utilizados, desde que o sujeito também invista nele o projeto de dar forma a uma parte de sua “matéria-prima psíquica” em falta de simbolização e integração.

Assim, três cenas da criatividade são traçadas na obra de Winnicott. Primeiro,

a questão da criatividade na relação com os *objetos que se tornam outros-sujeitos*, muito dependente das respostas dos objetos envolvidos e, sem dúvida, determinante da qualidade das duas outras. Existe também a cena do jogo *sozinho na presença do objeto*, que começa a se libertar do peso da resposta do objeto, desde que este respeite suficientemente o processo do jogo. Por fim, surge a cena do sonho, que se libera, em sua construção, dos objetos-outros-sujeitos, mas cujo umbigo exige que possa ser reintroduzido na relação com o outro. □

Abstract

Creativity: a new paradigm for Freudian psychoanalysis

The author looks into Winnicott's concept of creativity, which was laid out in *Playing and reality*, placing it in a dialogue especially with the sexual theme and sublimation, present in Freud's metapsychology. He points out that, in spite of the engendering of a metapsychology and the usual conception that simplicity is not one of Winnicott's concerns *a priori*, something that a first reading of his works may suggest, Winnicott displays a sort of accuracy that is based on the so-called traditional psychoanalysis, although he seeks, from the clinical experience, to encompass psychic phenomena that are not described by it. He attempts to integrate the experience of hallucination in Freud, self-erotically experienced in and through the absence of the object, standing up for its production as a psychic phenomenon in the presence of the object as mirroring, where the perceptual notion meets the hallucinatory experience and confirms the created-found illusory conception. He argues that, for a proper development of this process, the object must "sacrifice" its own desires and states from its *pure feminine* and as a *Malleable Means* (M. Milner), and thus can help in the adequate inscription of these amorphous moments lived by the infans, a fertile experience of being alone in the presence of the object. Based on such process, one could understand the drive domain/domestication referred to by Freud as a form of appropriation. In a subsequent moment, with the discovery of the object as another-subject, it will be necessary that the latter allows itself to be used, being "destroyed" and surviving without retaliations, thus constituting a destroyed/lost/created process. Therefore, a play movement between infans and object must always be present, since the phase lived into the illusory process, embodying an automatic primary creativity, up to the phase led by drive motions, subjectivized in the contact with the another-subject object, thereby constituting a voluntary creativity.

Keywords: Winnicott; Freud; Metapsychology; Creativity; Object relation

René Roussillon

Resumen

Creatividad: un nuevo paradigma para el psicoanálisis freudiano

El autor estudia el concepto de creatividad de Winnicott, desarrollado en *Realidad y juego*, poniéndolo en diálogo especialmente con lo sexual y con la sublimación presente en la metapsicología de Freud. Destaca que, si bien el desarrollo de una metapsicología y de la concepción habitual de simplicidad no sean a priori la preocupación de Winnicott, algo que puede sugerir una primera lectura de sus obras, hay un rigor en Winnicott que se basa en el llamado psicoanálisis tradicional, sin embargo busque, a partir de la experiencia clínica, abarcar fenómenos psíquicos no descritos por ella. Intenta integrar la experiencia de la alucinación en Freud, vivida auto eróticamente en y por la ausencia del objeto, defendiendo su producción como fenómeno psíquico en la presencia del objeto como espejamiento, donde lo perceptual se encuentra con lo alucinatorio y confirma la concepción ilusoria de lo criado-encontrado. Defiende que, para un adecuado desarrollo de este proceso, el objeto debe “sacrificar” sus propios deseos y estados a partir de su *femenino puro* y como *Medio Maleable* (M. Milner), pudiendo así ayudar en la adecuada inscripción de estos momentos informes vividos por el *infans*, una fecunda experiencia de estar solo en la presencia del objeto. A partir de este proceso, se podría entender el dominio/domesticación pulsional al que Freud se refiere como tomar para uno mismo. En un momento siguiente, con el descubrimiento del objeto como otro-sujeto, será necesario que este se deje usar, pudiendo ser “destruido” y sobrevivir sin represalias, constituyendo, entonces, un proceso de destruido/perdido/encontrado. Así, un movimiento de juego (*play*) entre *infans* y objeto deberá estar siempre presente, desde la fase vivida en un proceso ilusorio, constituyendo una creatividad primaria automática, hasta la fase conducida por movimientos pulsionales subjetivados en el contacto con el objeto otro-sujeto, constituyendo creatividad voluntaria.

Palabras clave: Winnicott; Freud; Metapsicología; Creatividad; Relación de objeto

Referências

Freud, S. (1955). Beyond the pleasure principle. In *The standard edition of the complete psychoanalytical works of Sigmund Freud – Beyond the pleasure principle, Group psychology and ther works*, (Vol. 18, pp. 7-63). London: Hogarth. (Original work published in 1920)

Freud, S. (1957a). On narcissism: an introduction. In *The standard edition of the complete*

A criatividade: um novo paradigma para a psicanálise freudiana

- psychoanalytical works of Sigmund Freud*, (Vol. 14, pp. 69-102). London: Hogarth. (Original work published in 1914)
- Freud, S. (1957b). Group psychology and the analysis of the Ego. In *The standard edition of the complete psychoanalytical works of Sigmund Freud – Beyond the pleasure principle, Group psychology and ther works*, (Vol. 18, pp. 65-144). London: Hogarth. (Original work published in 1921)
- Freud, S. (1964). Constructions in analysis. In *The standard edition of the complete psychoanalytical works of Sigmund Freud – Moses and monotheism, An outline of psycho-analysis and other works*, (Vol. 23, pp. 257-269). London: Hogarth. (Original work published in 1937)
- Green, A. (2003). *Diachrony in psychoanalysis*. London: Free Association Books.
- Klein, M. (1975). Envy and gratitude. In *The Writings of Melanie Klein – Envy and gratitude and other works 1946-1963*, (Vol. 3, pp. 176-235). New York: The Free Press. (Original work published in 1957)
- Milner, M. (1987). *Eternity's sunrise: a way of keeping a diary*. London: Virago.
- Winnicott, D.W. (1984). Primary maternal preoccupation. In *Through paediatrics to psychoanalysis: collected papers* (pp. 300-305). London: Karnac. (Original work published in 1956)
- Winnicott, D.W. (1989a). *Playing and reality*. London/New York: Routledge. (Original work published in 1971)
- Winnicott, D.W. (1989b). The use of an object and relating through identifications. In *Playing and reality*. London/New York: Routledge. (Original work published in 1968)

Recebido em 28/09/2017

Aceito em 25/10/2017

Tradução de **Vanise Dresch**
Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**
Revisão técnica de **Renato Moraes Lucas**

René Roussillon
4 rue Barrème (4° étage)
69006 Lyon – France
rroussillon7@gmail.com

© *René Roussillon*

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA